

ARTE E VIDA; DRAMA E TRAGÉDIA EM “O RETRATO DE DORIAN GRAY”

Manoel Ferreira Barros Neto¹

“(...) Creio que a explicação é a seguinte: Acontece frequentemente que as verdadeiras tragédias da vida ocorrem de maneira tão pouco artística, que nos ferem com sua crua violência, sua absoluta incoerência, sua absurda falta de sentido, sua total ausência de estilo. Afetam-nos exatamente como nos afeta a vulgaridade. Dão-nos uma impressão de mera força bruta e contra isto nos revoltamos. Às vezes, no entanto, surge em nossas vidas uma tragédia contendo elementos artísticos de beleza. Quando esses elementos são reais, apelam simplesmente para nosso senso de efeito dramático. Vemos de repente que não somos mais atores e sim espectadores da peça. Ou, antes, que somos ambos.(...)”

Oscar Wilde

O retrato de Dorian Gray. pp.138-139.

Estarei atento aqui em um ciclo que inicia e conclui em morte. No capítulo VIII, Dorian é informado da morte de Sibyl e no capítulo XX, sua própria morte. Este ciclo é sustentado pela mirada do retrato. Antes da morte de Sibyl e após o desdém de Dorian em relação a ela, o retrato tem sua primeira alteração e o acusa, o que só é visto por Dorian, o artista (Basil) e nós (os leitores). Ao final, após sua o quadro retorna às suas antigas feições e Dorian envelhece.

A morte de Sibyl inicia o discurso do Lord Henry sobre a vida como arte e indica o início de uma confusão que se dá com a corrupção da alma e a não correspondente alteração nas feições de Dorian.

A epígrafe que escolho indica o norte que me guiará para abrir a questão da função da arte, do trágico da assunção do desejo e sua repercussão para o ofício do psicanalista.

¹ Psicanalista, membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil/PE. E-Mail: manoelferreira@terra.com.br.

Arte

Uma citação de Eduardo Galeano, no “Livro dos abraços”, situa bem este ponto. Ele fala de um menino que chega com o pai para ver pela primeira vez o mar, este olha extasiado e perplexo, volta-se ao pai e diz: Ajuda a olhar!

O Sr. Wilde coloca a arte em uma ordem que nos escapa, ele diz: “*Não há livros morais, nem imorais. Os livros são bem ou mal escritos. Apenas isto.*” E depois: “*A vida moral do homem forma parte do tema do artista, mas a moralidade da arte consiste no uso perfeito de um meio imperfeito. Nenhum artista deseja provar coisa alguma. Até as coisas verdadeiras podem ser provadas.*”

Parece que nestes termos se funda um campo, humano sim, mas intangível. Algo nos afeta e tentamos dar conta disso. E com as limitações que temos. Precisamos de uma bengala, uma muleta, algo para nos sustentar enquanto mancamos. Ao ir mais além a questão moral se coloca e traz consigo a discussão ética, é o que nos funda no não natural e no mais do humano. Algo escapa, algo resta desta injunção.

O que sobra faz mover. Um impulso, uma pressão, em termos do artista até uma necessidade. Algo o atira em um lugar incerto, tem-se algo perfeito do imperfeito, a procura de um a mais do oferecido. Da operação do desejo quer-se a conta exata, conta feita pelo delinear, pelo contorno da forma, a qual sugere que ali é, mas que não tem imagem.

Lord Henry comenta com Lady Narborough quando falam sobre o amor , homens e mulheres e moderação: “*A moderação é uma coisa fatal. O suficiente é tão mau quanto uma simples refeição. Mais do que suficiente é tão bom quanto um festim.*” Ao encontro do desejo se vai a um além do estabelecido, é criador e é perigoso. É prazeroso, é enganador. É belo enquanto arte; É trágico quando acontece.

Dorian Gray é criado, criador, mas escorrega. Isso sob o olhar do retrato. Um olhar que é a própria arte que observa a vida e lhe pune por sua audácia. É inquiridor e revelador. O olhar perseguidor que o *objeto* a dá e a falta que não se deixa faltar, ela surge no real e em ato.

Dorian é captado pelo discurso do Lord Henry, é objeto causa da obra de Basil (e de sua vida como arte) e escorrega nos seus próprios pés que o deixam no chão, a obra criada volta-se contra o criador. O acusa e persegue, questiona seus atos e continua

imóvel, é um retrato, um espelho de sua alma enquanto artista. Visto por ele, Basil e os leitores. Alma destroçada pela vida e mantém um semblante, que não se sustenta.

Tragédia e drama

“Nunca se sabe o que é suficiente até que se saiba o que é mais que suficiente.”

William Blake

O casamento do céu e do inferno. pp. 93.

“E a moral é a seguinte: Todo excesso, bem como toda renúncia, traz sua própria punição. Sim, há uma moral terrível em Dorian Gray – uma moral que os pundonorosos não serão capazes de encontrar, mas que será revelada a todos que tiverem uma mente sã. Será um erro artístico? Temo que sim. É o único erro do livro.” Diz Oscar Wilde em resposta a um jornal pela crítica sofrida.

Após conhecer o Lord Henry, posar para Basil e olhar o retrato pintado, Dorian se perde, eis a situação:

- *“(…) Dou pelo quadro o que você me pedir. Tem que ser meu. (Diz Lord Henry).*
- *Não me pertence, Harry. (Diz Basil).*
- *A quem, então?*
- *A Dorian, naturalmente – respondeu o pintor.*
- *É um sujeito de sorte.*
- *Que tristeza! – murmurou Dorian Gray, de olhos fixos na própria imagem.*
- *Que tristeza! Ficarei velho, horrível, medonho. Mas este retrato continuará sempre jovem. Nunca será mais velho do que neste determinado dia de junho... Ah, se pudesse dar-se o contrário! Se eu permanecesse moço e o retrato envelhecesse! Para isto... para isto...eu daria tudo. É verdade; não há no mundo o que eu não desse. Daria minha própria alma!*
- *Você não gostaria deste arranjo, Basil - exclamou Lord Henry rindo.*
- *Seria duro para a sua obra...”*

Dorian pediu a bolsa, e entregou a vida. Mais uma vez a tentativa humana de ludibriar Mefistófeles: um pacto que se tenta quebrar e seu preço é cobrado.

As palavras do Lord Henry indica a inversão da escritura do sujeito - \$ ◇ a → a ◇ \$ - inversão que se faz pela confusão causada pelo cinismo do Lord Henry em relação à arte e a vida. Na divisão entre eu e o outro, perde-se no olhar do retrato. Transformar a vida em arte, é a proposição do Lord Henry – possuidor do discurso com

efeito de verdade sobre o significante (Dorian) – é, também, a proposição de assumir um desejo e se excluir para apontar a falta no outro, no quadro. Transforma o olhar sobre a tragédia em drama e a vida em tragédia. Sua virada e saída perversa pede o troco. O movimento incessante e voraz de seu desejo finalmente encontra uma barreira, Dorian fica balançado no surgimento de seu passado e seu semblante intacto. Com a morte de seu passado consuma-se o pacto, sua alma é levada e tem sua morte em vida e posterior morte física.

Diz Wilde: *“Aqueles que descobrem feios significados em coisas belas são corruptos, sem serem encantadores. É um defeito. Aqueles que descobrem belos significados em coisas belas são cultos. Para estes há esperança. São os eleitos, para quem coisas belas significam apenas Beleza.”* Pode-se, entretanto, perguntar: - Em qualquer lugar, a Beleza? A qualquer custo? Sobra e deixa brecha em sua afirmação para quem descobre coisas belas na corrupção. Em “De profundis”, carta escrita na prisão, observa Oscar Wilde sobre sua vida: *“Cansado de viver nas alturas, eu me dirigi deliberadamente às profundezas à procura de novas sensações. O que era paradoxo para mim na esfera da razão, a perversão veio a ser na esfera da paixão. O desejo, no final, era uma doença ou uma loucura, ou as duas coisas.”* O ideal esteta da beleza surge para captar o *objeto a*, fala da primazia do significante sobre o significado, do valor do bem atribuído ao belo e do mau ao feio e à corrupção e que a salvação está no olhar artístico que retira do trágico da corrupção o drama da vida, onde todos escorregamos e a arte nos faz testemunha.

Repercussões

E a moral da história? O Sr. Wilde nos informa: *“É o espectador, e não a vida o que a arte reflete realmente.”*

O que escutamos? Não é apenas um fluxo de palavras que juntas dizem algo, mas algo que na junção das palavras se delineia. Algo, uma coisa, que para surgir esconde-se entre as palavras, no meio das palavras, desarticulando-as e criando-as.

Oscar Wilde diz que sua obra tem uma moral e que talvez esta seja a única falha do livro: *“Todo excesso, bem como toda renúncia, traz sua própria punição”*.

Que diz isso? Apesar de colocar no início do livro: *“(…) Nenhum artista deseja provar coisa alguma. Até as coisas verdadeiras podem ser provadas”*, ele não escapa.

Se falo, em algum lugar estou, uma posição tenho, não escapo da falha fundante que move um discurso. *Penso onde não sou, logo sou onde não me penso*, Lacan nos lembra da cisão do sujeito e o perder e achar-se que faz o fluxo dos significantes.

Lugar do sujeito e a falha, isso sendo colocado durante um discurso. E uma palavra, uma frase vai se criando e se estruturando, dando um ponto de articulação para a fala. Falha que diz de lugar de sujeito faltante, por mais que se esforce para cobri-lo.

“É suficiente! ou basta”

William Blake

O casamento do céu e do inferno. pp.95